

TENHO SÓ DEZESSETE ANOS

JOHN BERRIO

A agonia dilacera minha mente. Sou uma estatística. Quando cheguei aqui, me sentia muito sozinho. Estava tomado pela tristeza e esperava encontrar algum conforto.

Não encontrei. O que vi foram milhares de outras pessoas com os corpos tão esfaqueados quanto o meu. Recebi um número e fui colocado em uma categoria. A categoria se chamava "Mortes no trânsito".

O dia em que morri era um dia normal de colégio.

Como queria ter pego o ônibus! Mas eu era bom demais para o ônibus. Agora me lembro de como peguei o carro da mamãe.

- Um favor especial - implorei. - Todo mundo dirige.

Quando o sinal das 2:50h tocou, joguei meus livros no escaninho. Livre até amanhã de manhã! Corri para o estacionamento, animado com a idéia de dirigir um carro e ser dono do meu próprio nariz.

Não importa como o acidente aconteceu, eu estava fazendo besteira - correndo demais, assumindo riscos malucos. Mas estava aproveitando minha liberdade e me divertindo. A última coisa de que me lembro foi de ultrapassar uma senhora que parecia estar indo muito devagar. Ouvi um estrondo e senti um tranco terrível. Vidro e aço voaram para todo lado. Todo o meu corpo pareceu virar do avesso. Ouvi meu próprio grito.

De repente, acordei. Tudo estava em silêncio. Um policial estava de pé ao meu lado. Vi um médico. Meu corpo estava esfaqueado. Eu estava coberto de sangue. Havia pedaços de vidro partido por todo lado. Achava estranho não sentir nada. "Ei, não ponham esse lençol em cima da minha cabeça.

Não posso estar morto. Tenho só dezessete anos. Tenho um encontro hoje à noite. Tenho uma vida maravilhosa pela frente. Ainda nem vivi. Não posso estar morto!" Mais tarde, fui colocado em uma gaveta. Meus pais vieram me identificar. Por que precisavam me ver desse jeito?

Por que eu precisava olhar nos olhos da mamãe enquanto ela enfrentava o pior calvário da sua vida? Papai pareceu subitamente muito velho. Ele disse ao encarregado:

- É, é o nosso filho.

O enterro foi estranho. Vi todos os meus parentes e amigos andarem na direção do caixão. Eles olharam para mim com os olhos mais tristes que já vi. Alguns dos meus amigos estavam chorando. Algumas das meninas tocavam na minha mão e soluçavam enquanto se afastavam.

"Por favor, alguém me acorde! Me tire daqui." Não posso suportar ver mamãe e papai sofrendo tanto. Meus avós estão tão fracos de dor que mal conseguem andar. Meu irmão e minha irmã parecem zumbis. Andam como robôs. Em transe. Todo mundo. Ninguém pode acreditar nisso. Eu também não posso acreditar.

"Por favor, não me enterrem! Não estou morto! Tenho muita vida para viver! Quero rir e correr de novo. Quero cantar e dançar. Por favor, não me ponham no chão! Prometo que se o senhor me der só mais uma chance, Deus, vou ser o motorista mais cuidadoso do mundo. Tudo o que quero é mais uma chance. Por favor, Deus, eu tenho só dezessete anos."